

JOÃO MANUEL NUNES TORRÃO

Universidade de Coimbra

O MOURO LAZERAQUE E O INFANTE D. FERNANDO: UM *EXEMPLUM* DE D. JERÓNIMO OSÓRIO

Os humanistas sempre mantiveram uma relação privilegiada com a história¹ e alguns chegaram mesmo a notabilizar-se com obras históricas.

Está neste caso D. Jerónimo Osório, o famoso bispo do Algarve. A sua fama europeia — terá sido, talvez, o autor português mais conhecido no estrangeiro no século XVI — ficou a dever-se ao vasto conjunto da sua obra onde se inclui o *De rebus Emanuelis gestis* publicado pela primeira vez em Lisboa em 1571².

Esta obra tornou-se tão conhecida que, além de nove edições na sua versão original em língua latina até 1597, teve também, só no século XVI, onze traduções, todas em francês, e viria a ter ainda mais sete — uma novamente em francês, duas em holandês, uma em inglês, uma em alemão, ainda que de forma abreviada, e duas em português³.

Foi, certamente, a leitura do *De rebus Emanuelis gestis* que levou Montaigne a afirmar nos seus *Essais*:

*l'évesque Osorius, non mesprisable historien latin de nos siècles*⁴.

¹ Veja-se a este respeito a conferência de Jorge Alves Osório, «Humanismo e história», proferida no Congresso Internacional *Humanismo Português na Época dos Descobrimentos*, Coimbra, 9-12 de Outubro de 1991, e a publicar brevemente.

² O título completo apresenta-se assim: *De rebus Emanuelis regis Lusitaniae inuictissimi uirtute et auspicio gestis libri duodecim*, mas é habitualmente indicado sob a forma abreviada.

Apesar da data indicada para a publicação, o Privilégio Real desta obra aparece datado de Setembro de 1572.

³ Cf. Francisco Leite de Faria, «As muitas edições de obras de Dom Jerónimo Osório». *Revista da Biblioteca Nacional*, Lisboa, 1(1), 1981, pp. 127-129.

⁴ *Essais*, I, 40.

Mas o gosto do humanista português pela apresentação de dados históricos já tinha antecedentes, uma vez que estes vão surgir, embora em pequenos quadros, praticamente ao longo de toda a sua obra.

Como seria de esperar — e a própria obra de cariz histórico de D. Jerónimo Osório demonstra-o de forma clara — é a história de Portugal que vai merecer maior atenção por parte do nosso humanista.

Neste aspecto, se nos debruçarmos sobre o tratado *De gloria*, publicado pela primeira vez em Coimbra em 1549 (ao contrário do que a maior parte das obras de carácter bibliográfico referem, quando adiam a edição *princeps* desta obra para 1552, em Florença) ¹, vamos encontrar, para além da referência que serve de motivo central ao presente trabalho, mais algumas reminiscências do conhecimento profundo que o humanista possuía da história portuguesa.

Lembremos, para referir só algumas, todo o conhecimento da história contemporânea revelado pela descrição da actividade do rei D. João III, incluída na carta dedicatória que, na edição *princeps*, iniciava esta obra ²; recordemos, ainda, as referências ao segundo cerco de Diu, ocorrido em 1546; não esqueçamos também uma breve abordagem das navegações portuguesas, nomeadamente através do conhecimento que os marinheiros e mercadores portugueses tiveram da China ³.

Vejamos, agora, com mais pormenor o aproveitamento que D. Jerónimo Osório faz de alguns acontecimentos ligados à morte do Infante D. Fernando. Antes, porém, importa verificar qual o contexto que leva o nosso humanista a optar pela utilização deste episódio.

Como já observámos, esta referência a uma das personagens marcantes da família de Avis surge no tratado *De gloria*. Ora, como o próprio nome indica, esta obra pretende abordar a problemática da glória e tentar demonstrar que, apesar de alguns aspectos pretensamente negativos, ela é um bem para a humanidade desde que inserida numa perspectiva cristã.

Para melhor poder desenvolver toda esta temática, vai o futuro bispo de Silves «pôr em cena» três personagens: ele próprio e dois

¹ Sobre este assunto veja-se o nosso trabalho *D. Jerónimo Osório e o tratado De gloria. I. Estudo*. Coimbra, 1991.

² Veja-se também o nosso trabalho acima referido, em que se abordam os problemas de carácter textual levantados pelo *De gloria*.

³ Sobre a abordagem que D. Jerónimo Osório faz da nação chinesa poderá consultar-se a nossa comunicação ao Congresso Internacional *Humanismo português na época dos Descobrimentos*, Coimbra, 9-12 de Outubro de 1991 — «D. Jerónimo Osório e a China».

Esta comunicação será brevemente publicada nas *Actas* do referido congresso.

colegas de estudo no seu percurso italiano — o espanhol Antonio Agustín e o francês Jean Matal. Para cenário é escolhida uma casa de campo nos arredores de Florença, cuja posse é atribuída a Agustín. Quanto à forma literária, a opção vai para o diálogo, na esteira de Platão e, sobretudo, de Cícero, mas sem se apresentar como uma cópia fiel dos modelos adoptados ¹.

Osório opta, deliberadamente, por um confronto directo entre dois grandes interlocutores — Agustín e ele próprio — e apresenta, ainda, uma terceira figura — Jean Matal — que quase se limita ao papel de figurante; é, contudo, um figurante que reserva para si, desde o início, o papel de árbitro na discussão que se vai travar e que, no final, acaba por trazer alguns pontos importantes para serem analisados.

Agustín, que, no seu íntimo, aprecia a glória, vai, no entanto, desencadear um ataque fortíssimo contra ela e chega mesmo a defender que se trata de um conceito totalmente incompatível com a doutrina cristã e que, como consequência, deve ser afastado do espírito humano. Este ataque cerrado à glória vai ocupar os dois primeiros livros do tratado osoriano.

Os três livros restantes vão ser utilizados para a resposta, ainda mais forte, que Osório vai dar à argumentação do seu colega espanhol.

É na intervenção de Osório, como seria de esperar, que nos surge o episódio da morte do Infante Santo ² e, por sinal, quase logo no início da sua argumentação ³.

Antes, porém, de nos debruçarmos sobre o episódio propriamente dito, convirá talvez verificar o contexto em que ele é apresentado no esquema argumentativo do humanista português.

Osório, ao responder a uma interpelação de Agustín, pretende demonstrar que as opiniões manifestadas pelas multidões sobre os mais diversos assuntos não diferem, no essencial, das opiniões defendidas pelos homens sábios. E, para melhor defender esta ideia, vai servir-se de alguns exemplos: assim, inicialmente, tenta comprovar, através da utilização do exemplo de Príamo ⁴, que os próprios inimigos reconhe-

¹ A problemática do diálogo no *De gloria*, foi por nós desenvolvida em capítulo subordinado a esta temática, na obra acima referida, pp. 107-144.

² *De gloria*, p. 99.

As citações desta obra utilizadas ao longo deste trabalho serão feitas pela edição crítica por nós estabelecida em: *D. Jerónimo Osório e tratado De gloria. II. Edição crítica*. Coimbra, 1991.

³ O livro III, que marca o início da intervenção de fundo por parte de Osório, tem o seu início na página 81.

⁴ *De gloria*, 95. 17-21.

cem a virtude e o valor, mesmo quando estes se encontram nos seus antagonistas.

Mas, para que a demonstração seja ainda mais convincente e prove, afinal, que há em todos os homens, de forma inata, uma opinião correcta e justa, vai apontar vários casos em que inimigos públicos e declarados da virtude deram mostras de uma profunda admiração por aqueles que a praticavam e, em outros casos, chegaram mesmo a pô-la em prática, dentro de alguns aspectos particulares.

O primeiro dos exemplos apontados é uma personagem de Eurípides — Fedra¹ — e Osório chega mesmo a apresentar uma tradução de sua autoria dos versos 239-249 de *Hipólito*².

Depois faz também uma breve referência à figura de Medeia³ para, de seguida, deslocar a sua intervenção do campo das *fábulas*, como ele próprio diz⁴, para o de algumas personagens históricas.

A primeira que nos é apresentada é Dion, tirano de Siracusa, que, apesar de todos os seus crimes, fica profundamente impressionado com a amizade de dois discípulos de Pitágoras e chega mesmo a desejar entrar no círculo dessa amizade⁵; volta ainda a referir-se a esta personagem para narrar a frontalidade e dignidade com que a irmã o enfrentou⁶. Faz depois uma breve referência ao tratamento que o filho deste tirano deu ao filósofo Platão⁷ e vai demorar-se algum tempo a apresentar a figura de Nero⁸.

Chega, finalmente, a descrição da morte de D. Fernando que tem como objectivo imediato utilizar em favor das ideias que está a defender a reacção de Lazeraque a essa mesma morte. Logo após esta descrição, Osório apresenta o seu comentário às palavras de Lazeraque, reforçando, através da repetição e de algumas considerações complementares o ponto de vista que pretende demonstrar.

¹ *De gloria*, 96. 10 - 97. 5.

² *De gloria*, 96. 15 - 97. 3.

Esta tradução de Osório — que não acompanha passo a passo o texto de Eurípides, antes se apresenta como uma tradução livre — tem a particularidade de manter o mesmo esquema métrico do texto euripídiano.

³ *De gloria*, 97. 5 - 8.

⁴ *De gloria*, 97. 9 — *Sed fabulas omittamos*.

⁵ *De gloria*, 97. 14 - 21. Osório, neste caso, inspira-se de forma nítida em Cícero que, por diversas vezes, se referira a este episódio — *Off.* 3.10.45; *Fin.*, 2. 79; *Tusc.*, 5. 22. 63.

⁶ *De gloria*, 97. 22 - 98. 3.

⁷ *De gloria*, 98. 4 - 7.

⁸ *De gloria*, 98. 8 - 29.

Esta apresentação da morte do Infante Santo é feita de uma forma muito sintética, mas sem, no entanto, deixar de referir de modo claro os dados que, na sua óptica, são fundamentais.

Assim, começa por chamar a atenção do seu antagonista para o facto de ir utilizar um exemplo que se refere a uma personalidade da história portuguesa:

*In re tamen adeo perspicua unico tantum eoque recenti atque domestico contentus ero*¹.

Contudo, em assunto tão evidente, vou limitar-me a um único exemplo e mesmo este recente e nacional.

Faz, em seguida, a identificação da personagem em causa, através da referência ao nome próprio e ao nome do pai, e situa a acção em termos cronológicos e de espaço geográfico, com o registo do reinado de D. Duarte e da deslocação para África. Indica ainda que, do ponto de vista militar, a situação habitual nesta campanha africana era a vitória das tropas portuguesas:

*Fernandus quidam fuit regius Lusitaniae princeps, Ioannis regis hoc nomine primi filius. Is, defuncto patre, cum ab Eduardo rege illius fratre exercitum cum imperio obtinuisset, in Africam traiecit atque signis collatis ita parua manu cum innumerabili hostium multitudine saepe conflixit ut semper ex illis uictoriam reportaret*².

D. Fernando foi um magnânimo príncipe português, filho do rei D. João, o primeiro com este nome. Este príncipe, após a morte do pai e depois de obter do rei D. Duarte, seu irmão, o comando de um exército, passou a África. Aí, em batalhas campais³, lutou muitas vezes com pequenos contingentes contra uma multidão inumerável de inimigos e com tal denodo que sobre eles sempre alcançou vitória.

Mas o exército cristão vai sofrer um revés — resultado de uma traição, diz Osório — e, como consequência, o Infante Santo fica preso às

¹ *De gloria*, 98. 28 - 29.

² *De gloria*, 99. 1 - 5.

³ Rui de Pina, na *Chronica do Senhor Rey D. Duarte*, utiliza, repetidas vezes, uma expressão interessante — Bandeiras tendidas —, que, como facilmente se pode ver, corresponde ao latim *signis collatis* do texto osoriano.

ordens dos mouros para, mais tarde, sofrer a deportação para o interior da Mauritânia:

*Sed tandem effectum est ut insidiis oppressus in hostium potestatem perueniret et in mediterraneas Mauritaniae regiones deportaretur*¹.

Ora, sucedeu, por fim, que, vencido à traição, caiu em poder dos inimigos e foi deportado para zonas interiores da Mauritânia.

Chegou agora a altura de apresentar a outra personagem interviniente neste episódio. Trata-se do mouro Lazeraque², que, entre os portugueses, se tornou figura bastante conhecida, nomeadamente pela sua enorme crueldade e grande desconfiança e ainda pelo constante jogo de bastidores que caracterizou a sua luta pelo poder dentro do mundo árabe:

*Occuparat illic tyrannidem Lazerachus quidam, homo auaritia immani, luxuria infinita, feritate incredibili praeditus*³.

Apoderara-se aí da tirania um certo Lazeraque, homem dotado de uma avareza horrenda, de uma luxúria infinita e de uma ferocidade inacreditável.

Sem se deter em mais pormenores, Osório refere apenas a dilatação temporal do resgate do Infante e, por fim, a impossibilidade de acordo entre as partes envolvidas e a consequente morte de D. Fernando na prisão:

Cum autem Fernandi redemptio fuisset in longinquum tempus dilata, nihil enim inter nostros et Maurum conuenire poterat, accidit

¹ *De gloria*, 99. 5 - 7.

² Este é o nome que os portugueses utilizam habitualmente quando se referem a esta personagem histórica. No entanto, o seu nome verdadeiro era Abu Zacaria Yahia al-Uattasi e ocupava o cargo de governador de Fez na altura em que a expedição portuguesa a Tânger fracassou.

Entre ele e os portugueses reinou uma constante desconfiança e este terá sido mais um dos motivos que levou a que não se concretizasse a libertação do Infante D. Fernando.

Morreu em 1448, cinco anos após a morte do Infante Santo.

Acrescente-se ainda que o poder exercido por Lazeraque se situava a nível de regência, em nome do sultão Abde Alaque que tinha apenas um ano de idade quando ocupou o trono em 1420.

³ *De gloria*, 99. 7 - 9.

*tandem ut Fernandus ipse multis doloribus in ergastulo perfunctus uitam ederet*¹.

Ora como o resgate de D. Fernando tivesse sido adiado para ocasião longínqua — de facto, não tinha sido possível chegar a nenhum acordo entre os nossos e o Mouro — sucedeu, por fim, que o próprio D. Fernando, após ter suportado muitos sofrimentos na prisão, faleceu.

E eis que chegámos ao ponto principal da exposição de Osório. De facto, o que está em causa não é a vida nem a morte de D. Fernando, por mais santas que elas possam ter sido. O que interessa à sua sequência argumentativa é a reacção de Lazeraque perante a morte deste homem tão virtuoso.

Na realidade, as duas personagens vão sendo esboçadas, dentro de uma certa visão maniqueísta, como a encarnação do bem e do mal. E, neste momento, Osório vai aproveitar para expor ao seu interlocutor o sentimento de profunda admiração que o representante do mal — Lazeraque — foi alimentando em silêncio perante o bem, personificado em D. Fernando:

*Eius autem morte tyranno nuntiata, tradunt illum quasi stupore perculsum diu siluisse atque tandem haec uerba protulisse: — ‘Profecto si uir hic non ita Mahometi institutis infensus et inimicus extitisset, fuisset in omni aetate diuina quadam laude cumulandus. Fuit ille quidem in omni genere honestatis excellens. Ego tamen tres illius uirtutes praecipue sum semper admiratus. Constat enim illum numquam sese uenere ulla commaculasse, nec umquam in uita mentitum fuisse, Deumque semper ardentissima pietate coluisse*².

Ora, tendo a sua morte sido anunciada ao tirano, conta-se que ele ficou em silêncio durante bastante tempo, como que perturbado por um assombramento, e que, por fim, proferiu estas palavras: ‘Na verdade, se este homem não se tivesse mostrado tão hostil e inimigo dos preceitos de Maomé, deveria ser cumulado, por todo o sempre, de louvores divinos. Com efeito, ele foi notável em toda a espécie de honestidade. Eu, porém, sempre admirei, sobretudo, três das suas virtudes. De facto, diz-se que ele nunca se manchou com nenhum prazer sexual, nem nunca mentiu na sua vida e sempre adorou a Deus com a mais ardente piedade’.

¹ *De gloria*, 99. 9 - 11.

² *De gloria*, 99. 12 - 19.

Mas o carácter argumentativo desta intervenção não pode ficar limitado à descrição dos factos; por isso, Osório vai retomar as palavras de Lazeraque para, de alguma forma, realçar as ideias que quer defender através dos comentários que vai apresentar.

Trata-se, inicialmente, de um inciso em que se exprime a admiração que esta atitude inesperada do árabe provoca no interveniente português do diálogo; mas, logo de seguida, parte-se para a exploração das contradições evidentes entre a vivência do mouro e a admiração que ele mantém pela vida de D. Fernando:

O uim uirtutis admirandam quae hominibus etiam dedecore, flagitio, turpitudine contaminatis eam affert necessitatem ut uel inuiti decoris et honestatis excellentiam laudibus in caelum tollant! Num clarius naturae indicium exspectatis? Perfidiosus homo atque adeo ex fraude et mendacio compositus singularem fidem admiratur; in omni libidine taetre et impure uolutatus, sanctissimi uiri castitatem celebrat; hostis sanctitatis, purissimum et ardentissimum religionis studium laudibus efferendum putat¹.

Oh força admirável da virtude que até em homens contaminados pela desonra, pela ignomínia e pelo opróbio cria a necessidade de tecerem os maiores louvores — ainda que contrariados — à honra e à honestidade. Acaso esperais um sinal mais evidente da natureza? Um homem pérfido e feito só de fraudes e de mentiras admira uma lealdade notável; envolto, de modo obsceno e impuro, em todo o género de prazeres, elogia a castidade de um varão tão santo; inimigo da santidade, considera que a sua dedicação tão pura e tão ardente à religião deve ser exaltada com louvores.

Todo este encadeamento de ideias vai levar, naturalmente, à conclusão que Jerónimo Osório está a preparar desde o início e que constitui, como é natural, o objectivo da sua intervenção. O seu início vai surgir sob a forma de uma pergunta retórica:

Ergo si uirtus tantum ualet ut iisdem ipsis, quorum cupiditatibus infesta est, admirationem ingentem commoueat, quid conuenit asserere nos laudem non natura et splendore suo, sed studio et cupiditate nostra metiri?²

¹ *De gloria*, 99. 20 - 27.

² *De gloria*, 99. 27 - 100. 2.

Ora, se a virtude tem tanto valor que, até mesmo àqueles a cujos desejos ela é hostil, causa enorme admiração, como é que se pode afirmar que nós apreciamos o louvor não por causa da sua própria natureza e esplendor, mas por causa do nosso gosto e desejo?

Na resposta que ele próprio dá à sua pergunta, vai aproveitar para concluir a argumentação deste ponto e chega mesmo a afirmar que se terá alongado em demasia para a dificuldade da questão:

Si enim ita esset qui turpi uoluptate ducuntur nullo modo continentiae pulchritudine mouerentur, neque qui alienum appetunt innocentiam laudarent, neque scelesti et impuri castitatem religionis extollerent. Quod quam falsum sit satis esse probatum arbitror, quamquam in re minime dubia confirmanda longior fui quam fortasse conueniebat¹.

De facto, se assim fosse, aqueles que se conduzem pelos prazeres vergonhosos, de modo algum se comoveriam com a beleza da continência; nem os que desejam os bens alheios, elogiariam a honestidade; nem os criminosos e perversos exaltariam a santidade da religião. Pelo que considero perfeitamente demonstrada a falsidade da afirmação, ainda que, em assunto com tão poucas dúvidas para esclarecer, me tenha alongado um pouco mais do que talvez conviesse.

Como acabámos de ver toda a argumentação de Jerónimo Osório se encaminha para a defesa de ideias e conceitos inatos na natureza humana; é que, deste modo, poderia avançar para a defesa e, mais tarde, a apologia da glória.

Saliente-se, no entanto, que para alcançar os seus objectivos o humanista português escolheu uma figura notória da história de Portugal, quando tinha à mão muitas outras figuras da história universal.

Importa, pois, verificar as fontes históricas que se debruçam sobre a vida do Infante D. Fernando para ver até que ponto Jerónimo Osório lhes é fiel ou as adapta para atingir os seus objectivos.

Algumas das fontes possíveis para os factos aproveitados por D. Jerónimo Osório, poderão ser a *Crónica de D. Duarte* e a *Crónica de D. Afonso V* de Rui de Pina. De facto, ainda que estas obras só tenham sido publicadas em finais do século XVIII, nada impede que o humanista tenha tido conhecimento delas através de exemplares manuscritos.

¹ *De gloria*, 100. 3 - 7.

Na realidade, há alguns pontos específicos do texto osoriano que poderão estar relacionados com estas obras de Rui de Pina. Estamos a referir-nos, por exemplo, ao passo em que Osório apresenta a derrota de D. Fernando como o resultado de actos de traição — *Sed tandem effectum est ut insidiis oppressus in hostium potestatem perueniret ...*¹.

Com efeito, Rui de Pina, quando apresenta os planos do Infante para romper o cerco dos mouros em direcção ao mar e, deste modo, alcançar um meio de fuga para a situação desesperada em que os portugueses, entretanto, se encontravam, acrescenta:

*E na ora que se isto determinou seguio-se, pera se nom comprir, que huum Martim Vieyra, Clerigo Capellam do Ifante, se lançou co-os Mouros, a que revelou todo o que estava ordenado: e elles o proveerom de guisa, que aos Christaaõs nom pareceo possivel, nem razom cometello. E quanto este treedor e desaventurado Sacerdote foy digno de tanta reprehensam, ...*²

Os factos que decorreram entre a prisão de D. Fernando e a sua morte, resumidos pelo autor do *De gloria* a duas pequenas frases — *Cum autem Fernandi redemptio fuisset in longinquum tempus dilata, nihil enim inter nostros et Maurum conuenire poterat*,³ — são apresentados em vários capítulos da *Crónica de D. Duarte*⁴ e retomados, ainda que de maneira mais sumária na *Crónica de D. Afonso V*⁵.

É também nesta última obra que Rui de Pina descreve a morte do Infante Santo⁶, mas, neste caso particular, o texto osoriano está muito afastado, quer no estilo quer no conteúdo, do capítulo que o cronista português dedicou ao mesmo assunto.

Não são, contudo, as *Crónicas* de Rui de Pina a fonte principal para os elementos biográficos de D. Fernando que D. Jerónimo Osório apresenta, nomeadamente para os acontecimentos posteriores à sua morte e que Osório pretende valorizar. De facto, estes terão sido colhidos, na

¹ *De gloria*, 99. 5 - 6.

² Rui de Pina, *Chronica do Senhor Rey D. Duarte* in *Crónicas de Rui de Pina*. Introdução e revisão de M. Lopes de Almeida. Porto, 1977, cap. XXXII, p. 554.

³ *De gloria*, 99. 9 - 10.

⁴ *Op. cit.*, cap. XXXIII-XLII.

⁵ Rui de Pina, *Chronica do Senhor Rey D. Affonso V* in *Crónicas de Rui de Pina*. Introdução e revisão de M. Lopes de Almeida, Porto, 1977, cap. LIV, pp. 650-653.

⁶ *Op. cit.*, cap. LXXXIII, pp. 690-691.

sua maioria, numa obra bastante mais antiga, pois é pouco posterior à morte do Infante D. Fernando.

Trata-se da biografia do Infante Santo que foi escrita — possivelmente entre 1451 e 1460 — pelo seu secretário, Frei João Álvares, que com ele esteve prisioneiro no norte de África e que apresenta o título *Trautado da vida e feitos do muito virtuoso S.^{or} Ifante D. Fernando*.

Desta obra, há vários manuscritos e, se pensarmos em termos de edições, terá sido impressa cinco vezes até hoje ¹.

Destas edições só uma — de que não se conhece, actualmente, nenhum exemplar, mas publicada em 1527 — poderia ter chegado ao conhecimento de Jerónimo Osório antes de este autor publicar o *De gloria*, já que a edição seguinte só foi editada em 1577 ².

De acordo com Adelino de Almeida Calado, terá sido a edição de 1527 a servir de modelo para a de 1577 e, deste modo, poderemos ter acesso, ainda que indirecto, a um dos textos que Jerónimo Osório teria tido possibilidade de consultar. Não convém esquecer, no entanto, que o humanista português também poderia ter acesso a manuscritos desta obra de Frei João Álvares.

Serão, pois, dois textos ligeiramente diferentes — o da versão manuscrita e o da edição de 1577, que se terá inspirado em 1527 — que iremos pôr em confronto com o teor da descrição osoriana.

A primeira parte do texto de Osório, em que se faz a apresentação de D. Fernando e se descreve a sua passagem a África, com as primeiras vitórias e a derrota que o leva ao cativeiro, não tem uma ligação muito directa com a biografia. Na realidade, estes elementos são nitidamente introdutórios ao episódio osoriano, e, além disso, não apresentam grande pertinência dentro do esquema geral da obra de Frei João Álvares.

Este biógrafo, no entanto, não deixa de se referir a estes aspectos. Assim, diz que foi o rei D. Duarte quem tomou a iniciativa da expedição a África, para de algum modo dominar as tentativas de saída do país que os seus irmãos, D. Henrique e D. Fernando, já tinham manifestado ³. Faz também uma breve descrição dos combates vitoriosos dos

¹ Todos estes elementos sobre a biografia do Infante Santo foram recolhidos em Frei João Álvares, *Obras*. Edição crítica com introdução e notas de Adelino de Almeida Calado. Volume I — *Trautado da vida e feitos do muito virtuoso S.^{or} Ifante D. Fernando*. Coimbra, 1960, pp. xi-xxi.

² O texto desta edição, a mais antiga de que se conhecem exemplares, foi também editado em apêndice, na obra referida na nota anterior.

³ *Op. cit.*, pp. 19-20. Neste passo, o texto da edição de 1577, pp. 143-144, não difere, excepto em pequenos pormenores, do manuscrito.

portugueses que foram tendo lugar até à sua rendição, feita em simultâneo com um acordo sobre a entrega de Ceuta a ser garantido por um grupo de reféns, em que se incluía D. Fernando ¹.

Atente-se, entretanto, que nenhuma das versões da vida do Infante Santo — feita, como vimos, por uma testemunha ocular — aponta para o caso de traição que Jerónimo Osório refere de maneira um tanto indefinida, enquanto Rui de Pina o descreve de maneira mais personalizada, uma vez que, como já vimos, aponta mesmo o nome do traidor.

A descrição que Osório faz de Lazeraque também não encontra paralelo directo nas várias versões da biografia. De facto, a caracterização tripartida — *homo auaritia immani, luxuria infinita, feritate incredibili praeditus* — não se coaduna, no seu carácter sintético, com a apresentação directa que Frei João Álvares faz do carácter de Lazeraque ², para já não falarmos na caracterização indirecta que se vai desenvolvendo ao longo de vários capítulos. Trata-se, naturalmente, de abordagens diferentes da mesma personagem, que derivam não só da extensão que os autores dão aos próprios textos, mas também dos objectivos diferentes que os norteiam.

Na realidade, o momento crucial do episódio osoriano é a morte do Infante, ou melhor, a reacção de Lazeraque a esta mesma morte.

Ora, se até este momento a biografia de D. Fernando servia apenas de ponto de referência mais ou menos longínquo para o texto osoriano, a partir de agora ela vai apresentar influências directas, sem que, no entanto, Jerónimo Osório prescindia da sua autonomia na apreciação dos acontecimentos. De facto, Osório resolve introduzir, antes da intervenção de Lazeraque, um momento de silêncio que, apesar da sua ambiguidade ³, vem aumentar a carga dramática do episódio. Com efeito, nem a versão do manuscrito, nem a da edição de 1577, referem este silêncio do Mouro quando lhe é anunciada a morte do Infante português.

¹ *Op. cit.*, pp. 23-26. Também aqui a edição de 1577, pp. 148-152, não apresenta diferenças dignas de nota.

² *Op. cit.*, pp. 44-46. A edição de 1577 apresenta em relação ao manuscrito algumas diferenças textuais, mas que não são significativas em termos de conteúdo (cf. pp. 177-179).

³ Este silêncio tanto pode exprimir um momento de estupefacção motivada pelo apreço — é esta a opinião que Osório veicula — como poderá traduzir apenas a pouca importância que, segundo o biógrafo, Lazeraque atribui, inicialmente à morte do Infante.

Recordemos, no entanto, o texto de Osório para depois o confrontarmos com o de Frei João Álvares:

*Eius autem morte tyranno nuntiata, tradunt illum quasi stupore perculsum diu siluisse atque tandem haec uerba protulisse: — 'Profecto si uir hic non ita Mahometi institutis infensus et inimicus exstitisset, fuisset in omni aetate diuina quadam laude cummandus. Fuit ille quidem in omni genere honestatis excellens. Ego tamen tres illius uirtutes praecipue sum semper admiratus. Constat enim illum numquam sese uenere ulla commaculasse, nec umquam in uita mentitum fuisse, Deumque semper ardentissima pietate coluisse.'*¹

Se exceptuarmos o tal momento de silêncio que Osório decide introduzir na reacção do Mouro, poderemos verificar que o humanista português se inspira de modo claro na biografia que estamos a apresentar. De facto, é esta a versão do manuscrito:

E estando o Ifante neeste paso pera dar fim a toda a trabalhosa batalha deste mundo, esperando de receber a perduravel coroa do vitorioso triunfo deste mundo, fezerom saber a Lazeraque deste ponto em que o Ifante estava, o qual nom fez mais conta dele como se fose huï com. Enpero a sua falsa lingoa nom pode calar o louvor deste virtuoso Senhor, ca logo, presente todos, dise: «Se antre os peros arenegados dos christãaos ouve alghũu bem, neeste que ora more o avia, e, se mouro fose, por tres bondades que ouve fora muy grande santo. Eu sey, dise ele, que nunca mentio, nem nunca o achey em alghũa mentira. De quantas vezes o mandey espreitar de nocte, por saber o que fazia, sempre o achavom en giolhos, rezando, e sem duvida era homem de muita oraçom. A outra vertude que tiinha dizem que era virgem e que nunca conheçeo molher. Çertamente grande pecado ganharon dele suas jentes, que o qua leixarom morrer»².

Não muito diferente é a versão adoptada em 1577. Contudo, talvez valha a pena conhecê-la, uma vez que, para além de algumas variantes ao longo do texto, há a inserção de um comentário a estes acontecimentos:

Estãdo o Iffante neste passo pera dar fim a seus trabalhos da vida que tam trabalhada teue, fizeram saber a Lazeraque deste

¹ *De gloria*, 99. 12 - 19.

² *Op. cit.*, p. 90.

ponto em que o Iffante estaua. O qual não fez mais conta delle como se fosse por hi outro homẽ. Mas sua falsa lingua não pode calar o louuor deste virtuoso Iffante, que logo presente todos disse: Se antre os perros renegados dos Christãos ouuesse algũ bem, neste que agora morreo o auia: & se fora Mouro, por tres bondades que teue, deuera ser grande sancto. Eu sey delle que nunca mêtio, nem o acheu em algũa mentira. E de quãtas vezes o mãdey espreitar de noite, por saber o que fazia, sempre o achauão rezando em giolhos: & sem duuida era homẽ de muita oração. A outra virtude que tinha, dizem que era virgem, & que nunca conheceo molher. Certamente grande peccado tomarão sobre si suas gentes, q̃ de deixaram assi ca morrer. Por maneira que a boa vida, & virtudes do sancto Iffante eram tão certas & manifestas, que se podião tirar por testemunhas as proprias partes contrarias & imigas, fazendoas juizes do caso, & dizendo nelle com Dauíd: *Inimici nostri sint iudices* ¹.

Repare-se como o comentário final se enquadra perfeitamente dentro do espírito que preside à utilização deste episódio por parte de Jerónimo Osório. De facto, o humanista português pretende demonstrar que a virtude tem tal poder que obriga os próprios inimigos a reconhecê-la publicamente e é essa, precisamente, a ideia que aparece de forma explícita no texto que acabámos de citar.

Em jeito de conclusão, poderemos dizer que D. Jerónimo Osório desde cedo manifestou o seu interesse pela história de Portugal e que este interesse viria a ter o seu expoente no *De rebus Emanuelis gestis*, sem que, no entanto, nas outras obras do humanista, se notasse a sua ausência.

No caso particular do *De gloria*, há, pelo menos, três situações em que a história de Portugal surge de modo evidente: 1 — na carta dedicatória a D. João III, em que são mencionados aspectos contemporâneos do autor nomeadamente relacionados com a actividade do rei e com o segundo cerco de Diu; 2 — na referência à China, em que nos surgem acontecimentos um pouco mais antigos, mas que ainda se poderão considerar do tempo do humanista português; 3 — na descrição da morte de D. Fernando em que surgem acontecimentos nitidamente anteriores à época em que viveu o autor português.

¹ *Op. cit.*, p. 240.

Neste último caso, Osório utiliza os dados históricos de acordo com os interesses das ideias que pretende defender, mas, nem por isso, os adultera a seu belo prazer. De facto, para apoiar a sua argumentação, utiliza ora uma ora outra das fontes históricas hoje conhecidas, e enquadra o relato destes acontecimentos dentro do espírito e do estilo do conjunto argumentativo em que o insere.

Poderemos, pois, afirmar, que, neste caso, a história de Portugal, sem ser alterada no que se refere à veracidade dos factos narrados, tem como missão principal servir de suporte a mais um *exemplum* utilizado pelo futuro Bispo do Algarve.